

Estripulia teatral em dois atos, um prólogo e uma andança

Teatro musical popular brasileiro para a infância e a juventude

Menção honrosa – Prêmio Ana Maria Machado de Dramaturgia 2009

Sinopse / Argumento

Santiago, Francisca, grávida, e as filhas Clara e Luz vão de barco para as terras do pai de Santiago. Na última curva do rio, surge o demônio das águas Ipupiara. Santiago convence a mulher a remar para longe com as filhas e enfrenta o peixe-homem, que ataca, mata e devora a cabeça de Santiago. Francisca e as filhas não veem a luta e a morte dele. A roda do tempo gira, Cora nasce e Francisca, viúva, vê a terra do pai de Santiago seca e queimada. Nas andanças pelas matas, a mãe e as filhas encontram e enxotam a Curacanga, assombração de cabeça de mulher em forma de bola de fogo. Numa clareira da mata, Clara come uma fruta roxa e se transforma no pássaro dançarino Tangará. Ao se banhar no rio, Luz é engolida pelas águas e vira o peixe Jacundá. Cora canta e toca viola. Francisca e Cora veem o Arranca-Língua, homem-monstro comedor de língua de vaca, e a Onça Cabocla, que quer ser bonita como Cora. A mãe protege Cora, afugenta o monstro medonho e a onça rajada e traiçoeira. No desfecho, Santiago, Clara e Luz aparecem como estrelas no Cruzeiro do Sul e Francisca e Cora cantam modas de viola para eles à noite nas terras do sem fim do mundo.

Dados sobre gênero, assunto, personagens, encenação, músicas, público

É uma obra de teatro musical popular brasileiro para a infância e a juventude, com personagens, lendas, assombrações e seres imaginários da geografia mitológica brasileira, o demônio dos rios Ipupiara, a Curacanga, o Arranca-Língua, a Onça Cabocla, espíritos da floresta, encantos, quebrantos, andanças, o pássaro dançarino Tangará, a mulher-peixe Jacundá, a dança do peixe, personagens com pernas-de-pau e “parangolés” e o Cruzeiro do Sul. Música ao vivo (letras, músicas, temas e composições do autor), baião tocado com cabaças, colheres, panelas e facões, choro-canção e samba-canção com violão, flauta e bandolim/cavaco, xote com zabumba, sanfona e triângulo, cantiga de roda com palma e pé, roncões de feras da mata e sons da barriga com cuíca e tambor-onça, ijexá, tambor-de-mina, maracatu, repente, “canto dialogado” e/ou “diálogo cantado”, modas de viola, cururu, guitarras pesadas, dodecafonias e temas experimentais.

Gênero: Teatro musical.

Faixa Etária: classificação livre; teatro para todas as idades; para ser encenado por crianças e jovens; infantil e infanto-juvenil.

Nº de Personagens: 18.

PERSONAGENS

SANTIAGO

FRANCISCA

CLARA LUNA: filha mais velha; se transforma no pássaro TANGARÁ; na cena em que ela vira o Tangará são usados dois bonecos animados pela atriz/Clara, um com a metade da altura da atriz, outro em miniatura, seus duplos, com as mesmas roupas e acessórios.

TANGARÁ: pássaro dançarino, corpo preto e cabeça amarela e laranja; Clara transformada em pássaro; personagem/objeto, boneco “aéreo” construído na ponta de uma vara de pesca, animado por um ator com fios de *nylon* na base do caniço; pássaro-boneco “aéreo” com leveza e variedade de movimentos das asas, olhos, bico e cabeça; no fim, o Tangará aparece como uma silhueta na constelação do Cruzeiro do Sul, na estrela do alto; a dança do Tangará é encantadora e fabulosa, como o canto do Uirapuru.

LUZ LORENA: filha do meio; se transforma no peixe JACUNDÁ.

JACUNDÁ: mulher-peixe, a filha Luz transformada em peixe; atriz/Luz com “parangolé” pintado de escamas e arranjo de cabeça de peixe; no fim, aparece no céu como silhueta no Cruzeiro do Sul, na estrela de baixo; as indicações sobre os “parangolés” estão depois do quadro de personagens; arranjo de cabeça é um adereço, uma alegoria de carnaval que o folião/ator usa na cabeça, caracterizada como o personagem; ser imaginário e fabuloso inspirado na dança indígena amazônica, dança do peixe, chamada de “pira-poracé”.

CORA LINDA: filha mais nova; toca viola, pandeiro e canta.

IPUPIARA: “demônio dos rios”, monstro das águas, peixe-homem assustador e repulsivo que devora humanos; corpo de homem, cabeça de peixe; ator com perna de pau, vestido com “parangolé” pintado de escamas e arranjo de cabeça de peixe; assombração; ser imaginário da geografia mitológica brasileira.

ESPECTROS (4): espíritos da floresta, seres imaginários, vultos da mata, roupas pretas com sinais coloridos reluzentes e desenhos luminosos, feitos com materiais e faixas reflexivas, de modo que brilhem na escuridão e na semiescuridão; os espectros fazem as mudanças de cenários, dão vida e movimento aos rios, ventos, tempestades e “eventos naturais”, usam máscaras brancas (pintura no rosto), com formas e desenhos reluzentes.

CURACANGA: assombração; figura espectral, luminosa e macabra da cabeça de uma mulher em forma de bola de fogo; personagem/boneco “aéreo” construído na ponta de uma vara de pesca, com movimentos de olhos e boca feitos por ator com fios de *nylon* na base do caniço; leveza e variedade de movimentos em ziguezague, explorando os planos altos, baixos, fundos, médios e laterais do palco; vira também fecho de luz vermelha, com transparências; ser imaginário da geografia mitológica brasileira.

ARRANCA-LÍNGUA: assombração; monstro gigante de três metros e meio, homem macacão peludo com pegadas grandes, ataca rebanhos e come a língua das vacas; carrega uma cabeça de vaca, da qual come os miolos e a língua; ator com perna de pau, vestido com “parangolé”; ser imaginário da geografia mitológica brasileira.

ONÇA CABOCLA: assombração; ator com “parangolé” pintado de onça rajada e arranjo de cabeça de onça; ser imaginário da geografia mitológica brasileira.

MÚSICOS * (3): violão e outras cordas, flauta e outros sopros, percussão e canto; música ao vivo; vestidos com roupas azuis escuras com as cinco estrelas luminosas do Cruzeiro do Sul, os músicos ficam num praticável/tablado lateral, acima ou abaixo do plano do palco, onde tocam as músicas, cantam e fazem as intervenções sonoras na tessitura da intriga; os sons reais e os sons dos “eventos naturais”, como chuvas, raios, ventos, tempestades, fogo, rios, etc., das ações como mergulhar, bater asas, queimar, voar, roncar, etc., dos bichos e das assombrações são feitos pelos instrumentos de sopro, corda e percussão; sonoplastia ao vivo; música acústica, com intervenções elétricas pontuais de guitarra em alguns temas; no quadro de músicas e nas rubricas ao longo do texto são indicados os ritmos, modos e instrumentos usados em cada música, tema e intervenção sonora.

* **Aos músicos:** os “acentos musicais” indicados nas rubricas são “comentários” musicais, acentos e intervenções sonoras cômicas e/ou dramáticas dos instrumentos para marcar uma ação, uma fala, um gesto ou uma situação da trama; música instrumental narrativa.

As indicações “vocal e instrumental” no quadro de músicas e nas rubricas são para as músicas cantadas (vocais) e tocadas (instrumentais), as músicas e temas apenas instrumentais e para as canções somente cantadas, sem instrumentos, em solo e/ou em coro, de acordo com a cena. As indicações de “bis”, colocadas entre parênteses no final dos versos, significam que o verso todo deve ser cantado novamente, bisado, em coro e/ou em solo, conforme a música.

* **Figurinos:** Os “parangolés” são capas, batas, bandeiras, estandartes e/ou tendas, feitas com tecidos, tintas, papeis, palhas, etc.; “esculturas móveis”, “objetos de vestir”, com camadas de panos coloridos, postos em ação a partir da dança e do jogo de interação do ator com o objeto; os “parangolés” dos personagens são pintados ou feitos com apliques e colagens de retalhos, por exemplo, Jacundá e Ipupiara, pintura ou aplique de escamas, Onça Cabocla, pintura ou aplique de pele de onça rajada; proposta de figurino/vestuário objeto interativo e vivo inspirada nos “parangolés” do artista plástico Hélio Oiticica (1937-1980), “objetos de vestir” com fusões de cores, materiais, estruturas, palavras, danças, fotos, grafismos e músicas; o espectador/ator passa da contemplação para a criação, a participação e transformação dos objetos, para que a obra se realize em sua plenitude.

* **Cenário:** No final do segundo ato aparece o céu, grande pano azul escuro com as cinco estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul no centro, astros e estrelas pintadas com tintas luminosas e materiais reflexivos e reluzentes, para brilhar na escuridão e na semiescuridão, como os sinais e desenhos das roupas dos espectros. No céu de estrelas, onde estão três das cinco estrelas do Cruzeiro do Sul são projetadas a sombra, boneco de sombra, a silhueta com o perfil do rosto de Santiago, na estrela do meio (chamada “intrusa” e/ou “intrometida”), as silhuetas do pássaro Tangará, na estrela do alto, e do peixe Jacundá, na estrela de baixo do Cruzeiro do Sul.

“Rubricas” são os textos que complementam os diálogos de uma obra teatral, com as indicações de ações, gestos, intenções, emoções, movimentações, iluminação, cenários, figurinos, sonoplastia, músicas, entradas e saídas dos personagens, etc., colocadas em itálico e entre parênteses ao longo do texto.

MÚSICAS (*Letras, músicas, temas e composições do autor*)

NO SEM FIM DO MUNDO: ijexá, atabaques e guitarra pesada, vocal e instrumental.

TERRA: baião, vocal e instrumental, com cabaças, colheres, panelas, facões e objetos.

CURACANGA: “tambor-de-mina”, tambores com guitarra pesada, instrumental.

TERRA DO NADA: repente, “canto dialogado” e/ou “diálogo cantado”, violão, viola, flauta e pandeiro; vocal e instrumental.

SONHO: samba-canção, violão, flauta e bandolim, vocal e instrumental.

DODÓI: cantiga, brincadeira de roda, vocal, palma e pé.

BARRIGA: música “experimental”, tema com cuíca e tambor-onça; sons da barriga.

FEITIÇO DA TERRA: samba, instrumental, percussão, cordas e sopros; fusão com a música “experimental” BARRIGA.

ANDANÇA: “choro-canção”, lento, instrumental, violão, flauta e bandolim ou cavaco.

OLHO D’ÁGUA: toada, moda de viola, vocal e instrumental.

NA BEIRA DO RIO: cururu, moda de viola, vocal e instrumental.

TEMPESTADE: “dodecafonias”; “atonal” (uso livre dos 12 semitons da escala temperada), com os instrumentos de corda, sopro e percussão; fusão das sonoridades “atonais”, livres e inconstantes, com a cantoria repetitiva dos espectros na dança do JACUNDÁ.

JACUNDÁ: cantoria da “dança do peixe”, “dança do Jacundá”, dança indígena amazônica, em que alguém fica preso na roda e tenta escapar, como um peixe capturado nas redes; fusão da cantoria dos espectros com a música “dodecafônica” TEMPESTADE.

DESTINO: moda de viola, vocal e instrumental.

LÍNGUA: maracatu, instrumental; agogô, bumbo/zabumba, caixas e guitarra pesada.

FOGO: xote, zabumba, sanfona e triângulo, instrumental.

CRUZEIRO DO SUL: toada, moda de viola, vocal e instrumental.

PRÓLOGO

Três apitos longos de partida de barco. Começa o ijexá NO SEM FIM DO MUNDO, instrumental, em ritmo lentíssimo, com atabaques, flauta e solos pesados de guitarra. Semiescuridão. Entram quatro Espectros, espíritos da floresta, dois de cada lado do palco, e movimentam grandes panos em tons verdes, de forma sincronizada, na pulsação do ijexá, em ondas altas e baixas, como um “rio mar”. As luzes azuis abrem e realçam o brilho dos sinais e desenhos coloridos reluzentes das roupas pretas dos espectros. O palco é o “rio mar”, a lua cheia aparece e espalha o brilho de prata nas ondas calmas. Entra Santiago remando num barco de dois remos, com Francisca, sua mulher, grávida, e as filhas, Clara Luna, a mais velha, e Luz Lorena, a caçula. A música vibra e pulsa baixinha durante os diálogos.

SANTIAGO: *(animado)* É a última curva do rio.

FRANCISCA: *(feliz)* Logo estaremos em nossa terra.

SANTIAGO: Três dias e meio de viagem desde que saímos da barra do rio.

FRANCISCA: Três dias e meio navegando rio adentro e parece que chegamos às terras do sem fim do mundo.

SANTIAGO: É a terra do meu pai, Francisca, dos meus antepassados, a terra sonhada.

FRANCISCA: Onde vamos viver.

SANTIAGO: Trabalhamos muito e viveram tempos de fartura na terra sonhada.

FRANCISCA: Assim há de ser também com a gente, Santiago.

SANTIAGO: Todo mundo nasceu, cresceu, envelheceu e morreu e a terra ficou lá.

CLARA LUNA: *(eufórica)* Depois da última curva do rio...

LUZ LORENA: *(vibra)* É a nossa terra.

FRANCISCA: *(doce)* Onde criaremos nossas filhas. *(acaricia o ventre; se olham, sorriem)*

SANTIAGO: *(acaricia o ventre dela; sorri)* Como mexe e balança a barriga nas ondas do rio... Se for menina, é Cora e se for um menino, é Mairum.

(cantam felizes o ijexá)

Ai, ai, minha terra, nosso chão fecundo!

Nas ondas do rio mar,
Nas terras do sem fim do mundo,
Lá vamos viver e morar, ai, ai, ai...

(ouvem-se roncões de fera e o som de algo entrando na água, a música some)

CLARA: *(assustada)* Que foi isso, mãe?

FRANCISCA: É peixe saltando no rio.

LUZ: *(afrita)* Ai, meu paizinho, é barulho de jacaré entrando na água.

CLARA: Jacaré vai comer minha perna. *(abraça a mãe e chora)*

FRANCISCA: *(conforta as filhas)* Não é jacaré, Luz. Não vai comer nada, Clara.

CLARA: Vamos sair daqui logo, pai. *(ronco de fera, som forte de mergulho na água)*

LUZ: É a cobra d'água mergulhando para derrubar o barco. *(chora)* Ai, ai, meu paizim, pelo barulho do mergulho a cobra d'água deve ser uma jiboia gigante.

CLARA: *(sem fôlego)* A jiboia d'água vai derrubar o barco e engolir a gente com roupa e tudo. *(as filhas agarram-se à mãe)*

LUZ: *(chora)* Ai, ai, minha mãezinha, a cobra d'água vai quebrar os nossos ossos.

FRANCISCA: *(acalma as filhas)* É só ronco de porco-do-mato lá na beira do rio.

SANTIAGO: Não é jacaré e cobra d'água também não é. *(rema, olha à frente; cantarola para distrair as filhas)* Vamos para a terra fecunda, nas ondas do rio mar, nas terras do sem fim do mundo, lá vamos viver e morar... *(outro ronco de fera e barulho mais forte na água)*

CLARA: *(grita)* Ai, mãezinha, é o boto!

LUZ: *(choraminga)* O boto vai me levar pro fundo do rio, paizinho.

SANTIAGO: Não é boto nem cobra d'água nem jacaré...

CLARA: *(com Luz)* É o peixe-boi! *(choram mais)*

FRANCISCA: *(abraça as filhas)* Não é nada. Já estamos chegando, minhas filhas. *(cantarola)* Clara Luna e Luz Lorena vão com papai e mamãe para a terra fecunda, nas ondas do rio mar, nas terras do sem fim do mundo, lá vamos viver e morar...

SANTIAGO: É a última curva do rio. *(rema mais forte)*

As ondas do rio mar se agitam e aparece atrás do barco o “demônio dos rios” IPUPIARA, homem-peixe grande, corpo de homem, escamado, cabeça grande de peixe. O ijexá volta numa pulsação lenta, dramática e contundente e pontua os diálogos e as ações. O monstro dá um grito estranho e assustador. As meninas abraçam a mãe e choram. Santiago rema mais forte e seus movimentos são sincronizados com a música e as ações do monstro. Quando é falado o nome do Ipupiara, são marcados acentos musicais misteriosos, terríveis e dramáticos.

SANTIAGO: *É o Ipupiara! (acento musical; o monstro sobe e desce entre as ondas, dá um grito medonho, fica atrás do barco, ameaçador)*

FRANCISCA: *(abraçada às filhas)* Logo agora, Santiago, na última volta do rio.

SANTIAGO: *(murmura)* Na horinha de chegar... Ah, Ipupiara... *(acento musical)*

CLARA: Ai, mãezinha! O homem-peixe vai comer minha cabeça.

LUZ: *(soluça)* O monstro das águas vai comer meu nariz.

CLARA: Arrancar meus olhos.

LUZ: *(grita, aflita)* Ai, ai, ai, mãezinha, o Ipupiara! *(acento musical; o monstro se movimenta, grita novamente e some nas águas; a música para no instante em que o monstro some)*

FRANCISCA: O pai vai encostar a barcaça na beira do rio, não é, Santiago? *(olha pro lado)* Olha uma gruta ali. *(ao lado brilham dois olhos vermelhos, feitos de dois fochos de luz ou duas lanternas)*

SANTIAGO: *(remando)* Lá é gruta de onça malhada. Não, Francisca, parar agora não.

FRANCISCA: *(firme)* É o jeito, homem. *(os olhos vermelhos somem)*

SANTIAGO: *(murmura baixinho, a si)* Não posso deixar o peixão-homem atacar minha mulher e filhas. Meu pai Mairum enfrentaria o bicho no facão. Já deve ter enfrentado o Ipupiara... *(acento musical; o monstro aparece, se agita e some nas águas; Vou pular na água e enfrentar o bicho.*

FRANCISCA: *(atônita)* Enfrentar o monstro do rio? Não!

SANTIAGO: Distraio e enfrento o bicho enquanto você rema em frente com as meninas.

FRANCISCA: Não! O demônio do rio... *(aflita)* Isso não, Santiago, o bichão peixe-homem é muito grande. *(chora agarrada às filhas)*

SANTIAGO: *(acaricia os rostos delas; decidido)* Vai em frente, mulher, e chega lá na nossa terra com as nossas filhas.

LUZ: *(implora, soluça)* Não, pai! O homem peixão vai te engolir.

CLARA: *(aflita)* Mãe, não deixa o pai ficar que o bichão... O Ipupiara... *(acento musical)*

SANTIAGO: Vão com sua mãe, minhas filhas, que vou distrair o bicho.

LUZ: *(grita, desesperada)* Não, paizim!

CLARA: *(chora)* Não, paizim querido...

FRANCISCA: Encosta o barco, homem!

SANTIAGO: *(firme)* Não vou encostar o barco e vê se faz o que é pra ser feito, mulher. Eu distraio o Ipupiara... *(acento musical)* Vocês vão em frente pra nossa terra e me esperem lá. *(a música volta, lenta e pulsante, e continua, baixinha; para de remar, acaricia o ventre e o rosto da mulher; as águas se agitam, o monstro aparece, grita e some)*

FRANCISCA: *(chorosa, beija a mão dele)* Não posso te deixar aqui sozinho, Santiago.

SANTIAGO: Assim é e assim tem que ser.

CLARA: *(chora mais)* Fala pro pai encostar o barco, mãe!

LUZ: *(implora)* Encosta o barco na beira, pai. *(o monstro reaparece e se movimenta nas ondas)*

SANTIAGO: *(agitado)* Clara, ajuda sua mãe com os remos. *(dá os remos à mulher e à filha)*

FRANCISCA: *(firme)* O que faço para te conter, homem? Eu te imploro que venha... Deixa o Ipupiara... *(acento musical; o monstro desaparece nas águas)*

SANTIAGO: *(segura o rosto da mulher, olha em seus olhos)* Sai com nossas filhas daqui, mulher. Ouviu? Nenhum monstro dos rios ou o demônio das águas que seja. Nada neste mundo me impede de defender quem amo. *(o ritmo da música acelera; beija Francisca na boca, rapidamente, acaricia o rosto dela)* Remem até bem depois da curva do rio. Vou acabar com o Ipupiara. *(acento musical; as ondas se agitam; o bicho aparece e se movimenta no fundo, ameaçador)* É a hora, Francisca, meu amor, minhas filhas... *(abraça, beija e acaricia os rostos da mulher e das filhas, salta na água com o facão e empurra o barco com a mulher e as filhas)* Vai logo, mulher! *(elas saem no barco)*

A luta de Santiago com o Ipupiara é uma dança dramática, um jogo de ataque, defesa e captura, em que eles sobem e descem entre as ondas, com gestos lentos e sincronizados, numa coreografia dinâmica de movimentos crescentes até o seu desfecho. A música pontua as ações, ora lenta, ora andante, ora acelerada, acompanhando a movimentação crescente da luta. As luzes piscam nos dois. O ator/Santiago some e passa a manipular um boneco em tamanho natural, seu duplo, com as mesmas roupas. O monstro encurrala, ataca, fere, morde e mata Santiago/boneco, depois devora seus olhos, as orelhas, a boca e o nariz, em

NAS TERRAS DO SEM FIM DO MUNDO

Texto de Luiz Carlos Laranjeiras

gestos intensos, com uma atmosfera trágica, para causar terror e piedade. As ondas se agitam, o homem-peixe dá um grito bestial, arranca a cabeça do homem e fica parado numa imagem assustadora, com sangue escorrendo pela boca e a cabeça de Santiago numa das mãos. Dá outro grito, mergulha e some nas ondas. A música volta para a pulsação lentíssima do início. As ondas se acalmam e as luzes fecham lentamente. Semiescuridão. Com movimentação na pulsação do ijexá, os espectros fazem a mudança de cenário, saem com os rios, voltam e montam a clareira na mata, com árvores e trilhas. O ijexá continua instrumental e faz a passagem do prólogo para o primeiro ato.

PRIMEIRO ATO

A música some à medida que as luzes abrem na clareira da mata num fim de tarde. Entram Francisca, Clara, Luz e Cora Linda, com vestidos e roupas em tons de terra, ocre, marrons, etc., sandálias, sapatos baixos, com cabaças, panelas, colheres de pau, facões, cantis, chocalhos, guizos nos pés, lanternas e embornais com alimentos. Elas tocam o baião TERRA com as cabaças e objetos e cantam. Vez ou outra, batem palmas e pés e soam os guizos. Cora toca pandeiro, puxa a cantoria e as outras repetem, bisam, os versos cantados por ela.

Da terra eu sou,

Ando para viver,
Vivo onde estou,
Amanhã o que há de ser? *(bis)*

Não tem fim o caminho,
Para onde ir?
Não tenho cama nem ninho,
O que sei é partir. *(bis)*

CORA: *(fala quase canto)*
Tem fartura nesse mundão,
Raízes, frutos, flores e bichos,
O canto, o pio, o cio, o rito,
Mas também tem solidão.
No matão, a vida é o risco,
A roda da sorte é o perigo,
O galope do coração,
É o pranto e o gemido,
O pio triste do azulão.

(canta)
Da terra eu sou,
Canto o bem querer,
Vivo aonde vou,
O sol e a lua sempre hei de ver. *(bis)*

Elas param de cantar depois do bis e em três momentos marcados da música, dão três gritos e em cada grito, sapateiam e param imóveis num gesto, compondo uma imagem, um “gesto de trabalho”, uma ação “congelada” de alguém trabalhando.

TODAS: *(gritam)* Eh! *(param num gesto de trabalho; gritam)* Eh! *(param noutra gesto; gritam)*
Eh! *(param num último gesto)*

A música cessa e as luzes fecham aos poucos, com a mãe e as filhas imóveis num gesto. Silêncio. Escuridão. Ouvem-se três roncões de fera. As mulheres acendem lanternas, iluminam apenas seus rostos e se juntam num canto. Começa CURACANGA, tambor-de-mina, numa variação lentíssima, com tambores e intervenções pontuais de guitarra pesada. Um fecho de luz vermelha atravessa o palco como uma bola de fogo em ziguezague e some. Quando a bola de fogo aparece, a música cresce e quando falam a música pulsa baixinha. Na escuridão, as luzes das lanternas nos rostos e a luz da bola de fogo iluminam o palco/clareira. Quando o nome da Curacanga é falado, os músicos dão um acento musical.

CORA LINDA: *(assustada)* A bola de fogo!

CLARA: É uma cabeça de bola de fogo.

LUZ: Cabeça de fogo.

CORA: É uma cabeça de mulher pegando fogo!

LUZ: Pegando fogo e voando.

CLARA: Xô, assombração!

LUZ: Sai pra lá, cabeça de fogo!

FRANCISCA: É a Curacanga! *(acento musical; aparece a CURACANGA, cabeça de mulher em forma de bola de fogo que passa em ziguezague e fica parada no fundo alto do palco; agora como “boneco aéreo”)*

CORA: *(agarra a mãe)* Ai, mãe, olha a cabeça de mulher bola de fogo parada lá no alto.

LUZ: *(com medo)* Diz que é um corpo de mulher sem cabeça a Curacanga... *(acento musical; a cabeça/boneco mexe a boca, grita e gargalha)*

CLARA: Não é Cumacanga? *(acento musical cômico; a cabeça se movimenta aos pulos, vai pro meio alto, mexe os olhos, grita, gargalha e sai pelo alto, ziguezagueando)*

LUZ: Sai daqui, cabeça de mulher bola de fogo!

CORA: *(sussurra)* A cabeça saiu do corpo de alguma mulher, mãe? Saiu como? E agora a cabeça vaga à noite apavorando as pessoas?

FRANCISCA: Não faz mal nenhum. É a sétima filha mulher que vira Curacanga. *(acento musical; aos pulos, a cabeça atravessa o palco e some; sussurra)* Hoje é sexta-feira, o dia que Jesus foi crucificado, é o dia que a sétima filha virada cabeça de mulher bola de fogo aparece.

CORA: *(com medo)* A mãe nunca falou da sétima filha com cabeça de bola de fogo.

CLARA: É só a sétima filha que vira Curacanga? *(acento musical; a cabeça volta pelo alto, em ziguezague, e fica parada no fundo alto)* Ela voltou!

FRANCISCA: *(sussurra)* Sexta-feira à noite a cabeça sai do corpo da mulher e fica vagando e assustando todo mundo, a Curacanga. *(acento musical; a cabeça/boneco sai em disparada e volta como uma cabeça/facho de luz vermelha, ziguezagueia pelo espaço e para no fundo alto)*

LUZ: Mas a mulher não sente a cabeça dela sair do corpo?

CLARA: Ela não deve sentir, não é, Luz?

CORA: Assombração não sente nada?

FRANCISCA: A tia vó Noca, a irmã mais velha da minha mãe dona Caçula, a tia bisavó de vocês, que morreu quando eu estava grávida da Clara e daí não conheceu vocês... A velha Noca era sabida em assombração e dizia que tem um encanto pra sétima filha mulher não virar a Curacanga. *(acento musical; a cabeça/facho de luz saracoteia pelo palco e sai aos pulos; a música cessa no momento em que a cabeça sai)*

CORA: Encanto? Tem que comer uma fruta para não sair do corpo e virar cabeça de fogo?

LUZ: Beber um chá?

CLARA: Adivinhar alguma coisa?

LUZ: *(brinca com Cora)* Já sei. Trancar a terceira filha no banheiro sete dias em jejum.

CLARA: *(ri)* Deixar a terceira filha no alto da mangueira sem comer manga o dia todo.

LUZ: Põe a mão da terceira filha no buraco do tatu doze horas sem tirar.

CLARA: A terceira filha fica com a bunda no formigueiro da saúva uma hora sem levantar.

LUZ: E aí ela deita com a bunda pra cima perto da toca do tamanduá. *(riem muito)*

CLARA: A terceira filha é a “Coracanga”! *(acento musical cômico; gargalham)*

LUZ: Coracanga! *(outro acento musical cômico; riem muito)*

CORA: É verdade, mãe? A terceira filha tem que fazer tudo isso senão vira assombração?

FRANCISCA: *(ri, maternal)* A terceira filha...

CORA *(interrompe, chorosa)* É a Coracanga? *(mais um acento musical cômico)*

CLARA: *(ri)* É pra te dar medo. Também tinha medo de assombração quando era pequena.

LUZ: *(abraça Cora)* Brincadeira, Corinha. Ai, que medo eu tinha da velha Pisadeira!

CLARA: A Pisadeira traz pesadelo. É o espírito de uma velha de má qualidade que atormenta o sono das crianças.

LUZ: A velha de má qualidade pisa, sapateia e senta na barriga das crianças quando elas comem muito à noite e vão dormir de barriga pra cima. Nunca mais ouvi falar da velha das unhas grandes e a cara fina.

CLARA: Queixuda, nariguda, as pernas fininhas e tortas.

LUZ: A Pisadeira deve ter desencantado.

CORA: Desencantado? Assombração desencanta? (*agitada*) Não quero saber da Pisadeira. Fala, mãe, qual é o encanto da sétima filha que vira cabeça de mulher pegando fogo?

FRANCISCA: O encanto dela é quebrado quando o primeiro banho é dado no rio pela irmã mais velha, que deve ser também a sua madrinha. Só pode ser no rio e logo depois que nasce, assim que a sétima filha sai da barriga da mãe.

CORA: Ah, então o banho no rio quebra o encanto da Curacanga. (*acento musical; a cabeça/facho de luz atravessa aos pulos e para no meio alto do palco*)

FRANCISCA: (*sussurra*) Olha a cabeça de fogo aí de novo! (*todas olham; brinca com Cora*) Vem, sétima filha, vem! Conta o seu segredo pra minha filha Cora.

CORA: (*com medo*) Não chama, não chama. Ai, mãe, enxota a Curacanga. (*acento musical; a cabeça/facho de luz ziguezagueia no meio alto do palco e sai em disparada*) Xô, xô! Sai! Até que enfim. (*curiosa*) Quando quebra o encanto é “quebranto”, mãe?

FRANCISCA: (*paciente*) Não, Corinha, “quebranto” é o mau-olhado que certas pessoas provocam e produzem em outras pessoas...

CORA: Ah, continua a falar do encanto, mãe, continua.

FRANCISCA: A mãe também tem que benzer a sétima filha ao nascer com folha de guiné e dar um banho de louro.

CORA: Tem outra assombração assim ou é uma só a Curacanga? (*acento musical; a cabeça volta como boneco aéreo em ziguezague, para no meio alto, mexe os olhos e a boca*)

LUZ: (*baixinho*) A cabeça de fogo está mexendo a boca e os olhos.

FRANCISCA: (*sussurra*) Quer dizer alguma coisa. (*à cabeça*) Fala, cabeça de fogo! (*a cabeça para de mexer os olhos e a boca*)

CLARA: Ela não quer falar.

LUZ: Ei, cabeça de mulher pegando fogo, fala!

CORA: (*treme*) Que figura esquisita... Será que ela fala?

CLARA: (*brinca, com voz cavernosa*) Minha cabeça está fervendo e estou doida pra te comer.

LUZ: (*pega os cabelos de Cora, sussurra*) Vou queimar seus lindos cabelos...

CORA: *(assustada)* Ai, Luz. Ô mãe, não deixa as duas fazerem graça comigo.

FRANCISCA: Fazem isso por que também tem medo, Cora. É para espantar o medo.

LUZ: *(inquieta)* Medo, eu? Da cabeça de fogo, mãe? Da Curacanga? *(acento musical; a cabeça/boneco atravessa o palco pulando de alto a baixo e sai; a música volta e pontua as falas)* Não tenho medo nem da assombração da Pisadeira, da Cabra Cabriola, do Anhangá, da Cachorra da Palmeira...

CLARA: Medo de assombração? Eu também não tenho medo da Mão de Cabelo, do Chibamba, do Tibarané, do Gogó de Sola.

LUZ: Já vi a Onça-boi, a Anta esfolada, a Anta-cachorro, o Cavalo sem Cabeça, o Quibungo, o Papa-figo, o Cabeça de Cuia. Vou ter medo da cabeça de mulher pegando fogo, mãe? Cadê a assombração da Curacanga? *(acento musical; a cabeça/boneco volta lentamente em ziguezague e para no meio alto)*

CLARA: *(agitada)* A senhora vai ver o medo, mãe. *(levanta e espanta a cabeça de fogo, com Luz)* Xô, Curacanga! *(acento musical; no meio alto, a cabeça/boneco olha as quatro, grita, gargalha e sai num alarido; a música cessa quando a cabeça sai; Clara grita)* Xô, cabeça de fogo!

LUZ: Sai pra lá, cabeça de fogo sem corpo! *(aparece a lua cheia, as luzes abrem na clareira e elas apagam as lanternas)*

CLARA: Pronto. Foi só espantar que o cabeção de fogo fugiu pra longe.

CORA: *(aliviada)* Ainda tem gente que não acredita em assombração. *(brinca com as irmãs)* Já viram tanta assombração assim e nunca sentiram medo? Que exagero!

CLARA: *(dá de ombros)* Se quer acreditar, Corinha, acredita.

LUZ: Se não quer acreditar, "Coracanguinha", não acredita.

CORA: Se eu quiser acreditar, Clara e Luz, eu acredito. Tem coisa que eu não acredito, não sei, mas que pode ser verdade...

FRANCISCA: *(murmura)* Quem só crê no que vê não conhece o que está oculto nas coisas das terras do sem fim do mundo. *(silêncio; pausa)*

CLARA: Mãe, e a nossa terra? por que não ficamos mais perto dela?

LUZ: Cada vez mais a gente se distancia de lá.

FRANCISCA: Aqui na serra da Cartucha não é longe da nossa terra. Dá para ver o mar de montanhas lá embaixo e aquele mundão de terra arrasada e queimada, sem uma alma viva, nem passarinho, bicho, gente, inseto, fruto, grão, água, nada. Quando subimos lá no alto do pico da Cartucha vimos alguma coisa viva na nossa terra?

CORA: Não se vê uma alma viva lá embaixo no chão preto e ferido da terra.

CLARA: Só lá longe, no fim das últimas montanhas é que se avista um pouco de verde.

CORA: É o chão morto no vale de cinzas e a terra verde lá longe no pico das montanhas do sem fim do mundo.

LUZ: *(num sobressalto)* E o pai?

CLARA: Ele vai aparecer?

FRANCISCA: *(desconcertada)* Seu pai? Um dia ele aparece...

LUZ: Eu sinto isso, mãe.

CLARA: Todo dia, toda hora, cada segundo eu sinto isso também.

FRANCISCA: Aparece. Um dia... *(pausa; num rompante, feliz)* Aparece e vai ser o dia mais feliz das nossas vidas.

CLARA: O dia podia ser agora.

LUZ: *(sonhadora)* O pai vindo pela trilha até a serra da Cartucha.

FRANCISCA: *(desconversa)* Viram a terra ferida? Dá para se viver lá, minhas filhas?

CORA: Não, mãe, não dá.

CLARA: A senhora está certa, mãezinha.

LUZ: A terra não presta mesmo.

CLARA: E se a terra ficar boa novamente, mãe?

FRANCISCA: A terra sonhada pelo seu pai pra gente viver é terra arrasada. Cinza, carvão, pó, poeira, pedra e mais nada. Demora muito tempo para curar as feridas da terra.

Começa o repente TERRA DO NADA, "canto dialogado" e/ou "diálogo cantado" entre as quatro mulheres, acompanhadas pelos músicos com violão, viola e flauta. Cora toca pandeiro.

CORA: *(fala, anuncia)* Terra sem passarinho é terra do nada. *(começa o “canto dialogado”)*

FRANCISCA: Terra sonhada é terra arrasada.

CLARA: Terra sem passarinho é terra sem vida.

LUZ: Terra sem água é terra sem comida.

CORA: Terra sem canto é terra do nada.

FRANCISCA: Terra sem mata é terra agoniada.

CLARA: Terra sem casa é terra sem abrigo.

LUZ: Vida com fome é vida em perigo.

CORA: Terra sem sonho é terra sem fartura.

FRANCISCA: Vida sem amor é vida dura.

CLARA: Terra sem fruto é vida sem sentido.

CORA: Terra sem grão é chão ferido.
(cantam mais uma vez; o repente cessa; se olham, sorriem)

FRANCISCA: *(feliz)* Não sei quem Corinha puxou. Como é animada para cantar e tocar.

CLARA: *(brinca)* Pode cantar nas festas, Cora Linda.

CORA: *(tímida)* Não, Clara. Eu só gosto de brincar com a música. Você não brinca de voar? A Luz não gosta de nadar e brincar nos rios e cachoeiras? Eu brinco de cantar.

CLARA: Eu gosto é de brincadeira de voar. *(sonhadora)* Queria voar pelo céu, olhar o mundo de cima, ver tudinho lá do alto aqui na terra.

LUZ: Queria nadar, nadar, até o mar... *(num rompante)* E se o pai aparecer lá na nossa terra arrasada e não encontrar a gente?

FRANCISCA: *(maternal)* Já falei que não estamos tão longe. O Santiago com certeza viu que na terra não se pode viver e deve ter feito a mesma coisa que nós, entrou pela mata em volta da terra em busca de frutos, água e abrigo. Aqui na Cartucha é o único lugar que tem tudo isso.

CLARA: *(sonhadora)* Um dia o pai vai aparecer. Forte e guerreiro como ele é, deve ter matado o Ipuiara. *(acento musical)*

LUZ: Matou o peixão-homem, veio atrás e até agora não encontrou a gente e aí... Sumiu. Quantos anos? Corinha ainda estava na barriga da mãe.

CLARA: Nosso paizinho vai voltar.

CORA: (*distante*) O pai devia ser forte...

LUZ: Salvou a gente e enfrentou o demônio do rio, não foi, Clara?

CLARA: O pai, a Luz, a mãe e eu no barco...

LUZ: O peixão apareceu atrás do barco e o pai puxou o facão.

CLARA: Nós remamos muito e não vimos a luta dele com o monstro do rio.

LUZ: E nem vimos mais o pai. Deve ter assustado e matado o peixão... (*interrompe e chora*) Meu paizinho que não volta...

CLARA: O pai vai aparecer um dia, não vai, mãe?

FRANCISCA: (*maternal*) Vai, filha. (*pausa; muda de tom, revoltada*) A terra era grande e era nossa, mas o fogo destruiu tudo. Que revolta! Queimaram e vão fazer pasto.

CLARA: É melhor parar num canto, mãe.

LUZ: Chega de andar sem rumo no sem fim do mundo.

CORA: É muita andança...

LUZ: Não aguento mais ficar vagando por aí.

FRANCISCA: Logo vamos encontrar uma terra aqui na Cartucha e fazer nossa casa. Santiago uma hora aparece. (*distante*) Por que não fugiu quando o monstro do rio... (*pausa*) Agora vivo como caminhante nas terras do sem fim do mundo.

CLARA: Não perco a esperança de um dia ver o pai.

FRANCISCA: (*emocionada*) O que sei é que todo dia sonho e espero o Santiago. Espero todos estes anos o seu pai. Sonho com ele e choro quando acordo, porque quero continuar sonhando. No sonho sou sempre alguém que espera. (*começa o samba-canção SONHO, com violão, flauta e bandolim; a mãe canta sozinha*)

Os anos passam e te espero,
Com juras, rezas e encantos,
Sonho contigo, amor eterno,
Quando acordo, a vida é dor e pranto.

Aqui agora o que mais quero,
É estar contigo nesse meu canto.

Toda noite de um dia sem fim,
Sonho contigo e a vida me diz sim. *(bis)*

Não posso fugir
De você nem de mim,
Mas não sei para onde ir,
Nem sei mais de onde vim,
Não tenho começo nem fim.
Sonho contigo, amor, sou alguém,
Sem você comigo, sou sem nome, sou ninguém.
Por que a vida tem que ser assim? *(bis)*

Meu canto é de fogo, é um berro,
É um grito de infelicidade.
No submundo do meu doce inferno,
Te espero louca de saudade.
Como fazer da vida o paraíso
Da alegria, do amor, do riso?
Só quando te beijo no sonho, vivo
Essa tal felicidade.

(fala na pulsação da música)
A roda do tempo gira, girou,
O vento vira, gira o moinho.
Do meu ventre nasceram três flores,
Sementes de ti, regadas com carinho.

CLARA: *(na pulsação da música)* A mãe é o amor, a terra, o chão, a comida.

LUZ: O pai é o amor, o mundo, a mão calejada na lida da vida.

FRANCISCA: Mãe e pai sabem das pedras no caminho. *(a música cessa; abraça as filhas, feliz)* Ai, meu coraçãozinho. *(muda de tom)* Já é tarde e não vamos mais pra lugar nenhum. Vamos ficar aqui mesmo nessa clareira. *(colocam e arrumam as cabaças e objetos no chão e sentam)*

CLARA: *(emocionada)* Ai, mãezinha, meu coração também disparou agora...

LUZ: *(suspira)* Saudade do pai... Que cansaço... É, mãe, aqui tem fruta e água em todo lugar.

CORA: Ai, que fome! A assombração da cabeça de fogo me deu fome.

CLARA *(ri)* Assombração deu fome, Cora?

LUZ: Nunca vi assombração dar fome.

CORA: A assombração deu fome, Luz. Andei muito, estou cansada, com fome, sede.

CLARA: Também quero comer, dormir, descansar...

FRANCISCA: Aqui perto tem um riacho para se banhar, pegar água e fazer comida. Vou buscar água no rio. *(levanta, pega cabaças e panelas)*

CLARA: Quer que vá com a senhora, mãe?

FRANCISCA: Prefiro que fique cuidando das suas irmãs, Clara.

LUZ: Cuidando da gente, mãe? A Clara não cuida nem dela mesma.

FRANCISCA: Não fale assim da sua irmã mais velha, Luz.

CLARA: Cuido de vocês duas, sim, desde pequeninhas.

LUZ: É brincadeira. Que nervosa, Clara. Vai ficar com um buraco na barriga de tanto nervoso.

CORA: Ai que mania da Clara e da Luz brigarem por bobagem.

FRANCISCA: Muito cuidado com o que vão comer por aí para não comer mato daninho e venenoso que dá dor de barriga. Façam silêncio e ouçam o rio... *(silêncio; sons de água, distantes)* É por ali o riacho. Cuidem uma da outra que já volto. *(sai)*

LUZ: Ai, minhas costas.

CORA: *(brinca)* Ai, ai, minhas pernas.

CLARA: *(brinca, com a mão no peito)* Ai, ai, ai, meu coração *(se olham, riem, levantam e brincam com a cantiga DODÓI, brincadeira de roda, sem acompanhamento de instrumentos, dando pulos, giros e simulando dores no corpo; cantam juntas o refrão)*

(refrão)

Ai que dorzinha danada,

Dói, dói sem parar, ai, ai, ai...

Quando dá de doer,

Dói, dói em todo lugar, ai, ai, ai... *(bis)*

CORA: *(simula dor nas pernas)*
Minhas pernas doem,
Tantas léguas caminhei, ai, ai, ai...
Estradas, montanhas e rios,
Nos quatro cantos do mundo já andei, ai, ai, ai... *(bis)*

(refrão)
Ai que dorzinha danada...

LUZ: *(dor nas costas)*
Nas costas eu carrego o mundo,
Meu fardo é pesado, ai, ai, ai...
Gira a roda, passa o tempo,
O corpo fica mais cansado, ai, ai, ai... *(bis)*
(refrão)
Ai que dorzinha danada...

CLARA: *(dor no coração)*
Meu peito bate forte,
Canta e dança o coração, ai, ai, ai...
É a saudade num galope
Vem logo, amor, demora não, ai, ai, ai...

CORA: *(interrompe, aborrecida)* Não brinco mais.

LUZ: *(brava)* Nem eu. Sem graça. A Clarinha fala sempre de amor.

CORA: Assim não dá.

LUZ: *(imita)* “Vem logo, amor, demora não, ai, ai, ai”.

CORA: “É a saudade num galope”. Galope no cavalo?

LUZ: As brincadeiras sempre acabam com a Clara falando de amor.

CORA: Não tem graça e ela faz de propósito.

LUZ: Só porque a gente não sabe isso de amor.

CORA: O “coração bate forte” quando vê o amor? Que amor?

LUZ: Meu coração bate forte quando fico com medo.

CORA: O meu bate forte quando estou com fome.

LUZ: Coração bate forte quando tem fome? Nunca vi isso. É a barriga que dói, Cora.

CORA: Minha barriga dói de fome toda hora. Coração bate e dói de amor, Clara?

CLARA: *(ri)* Ainda não sabem do amor. *(suspira)* Um dia vão sentir.

CORA: Ele está por perto? Você sente o amor agora? Cadê ele? Fala logo, Clarinha.

LUZ: *(ansiosa)* Cadê? Fala, diz onde está o tal de amor?

CLARA: *(suspira)* Não é assim. A gente sente e não vê... É igual à fome.

CORA: A fome? Como é que vou sentir alguma coisa por aquilo que não vejo?

LUZ: Como é isso de sentir e não ver? Igual à fome porque sinto e não vejo?

CLARA: A mãe não diz que quem só acredita no que vê é porque não sabe ver o que está escondido nas coisas do mundo?

LUZ: Ela fala assim das assombrações.

CORA: Então o amor é uma assombraçã, Clara?

CLARA: *(ri)* É e não é.

LUZ: É ou não é?

CLARA: Depende, Luz. Se o amor é bom, é sonho, se é ruim, é pesadelo. Quando é ruim assim, o amor pode ser igual assombraçã.

CORA: Não entendi nada, Clara.

CLARA: É para sentir, Corinha.

CORA: Ah, agora entendi, é igual à fome, não é?

LUZ: Ai, quanto mistério! *(muda de tom)* Essa conversa de fome... *(olha para a coxia)* Ali tem uma árvore. Vou buscar fruta e jogo de lá pra vocês. *(sai)*

CORA: *(séria)* A mãe disse para não comer fruta que não se conhece. Nem fruta, nem semente, folha, raiz, nada que não se sabe o que é, porque se não é remédio, pode ser veneno.

CLARA: Uma frutinha agora... *(lambe os beiços)* Manga, goiaba... Ai, que fome!

LUZ: *(joga uma fruta "estranha", inexistente; fala alto, de fora)* Segura a fruta, Cora!

CORA: *(pega a fruta; alto)* Que fruta é essa, Luz?

LUZ: *(de fora)* Não sei o que é, mas deve ter muita polpa e a mãe depois vê que fruta é.

CORA: Nunca vi fruta roxa grande assim. *(joga para a irmã)* Segura, Clara!

CLARA: *(pega)* Parece jabuticaba.

CORA: Não tem jabuticaba desse tamanho. Deve ser uva roxa gigante.

CLARA: *(dá uma mordida e se lambuza)* Que delícia de fruta!

CORA: A mãe disse para não comer nada, Clara.

CLARA: É docinha e tem gosto de jabuticaba, Corinha.

CORA: *(firme)* Não é para morder, já disse.

LUZ: *(de fora, alto)* Não é para comer a fruta! *(joga outra)* Segura essa!

CORA: *(pega e joga para a outra)* Joga mais! Segura! Acho bom não comer, Clara.

CLARA: *(dá uma dentada)* É pitanga, Corinha.

CORA: *(aborrecida)* Pitanga grande assim? Pitanga é roxa?

CLARA: É um pitangão.

CORA: Já falei que não é pra comer fruta que não conhece.

CLARA: *(baixinho)* Só uma mordidinha.

CORA: A minha barriga dói de fome, mas não morde nenhuma. Não sabe esperar?

CLARA: Estou com fome. Esperar o que?

CORA: *(impaciente)* A mãe ver que fruta é. Como é implicante, Clara, faz tudo que não deve.

CLARA: A mãe ver o que?

LUZ: *(de fora)* Não come! *(joga uma fruta maior que as outras)* Segura o frutão, Cora!

CORA: *(pega e joga para a outra; admirada)* Olha o frutão roxão! É um uvão roxão!

CLARA: *(pega e dá uma mordida)* Frutãozão! Deliciosa! *(começa a música incidental, “experimental”, BARRIGA, com sons da barriga de Clara feitos com cuíca e tambor-onça)* Ai, que a minha barriguinha está roncando de alegria, Corinha!

CORA: *(chama a irmã)* Luz! A Clara comeu a fruta e está com a barriga roncando.

LUZ: *(volta)* O que aconteceu? Clara!

CLARA: *(tonta, em êxtase)* Ai, ai, minha barriga... Ai, ai, ai, minha barriguinha...

Os sons aumentam, estridentes e caóticos, e se transformam no samba FEITIÇO DA TERRA, com surdo, cuíca e tambor-onça, numa cadência lentíssima. Clara samba, fica tonta e as frutas caem no chão. As luzes piscam e começa um vento forte. No meio do redemoinho de papéis picados verdes e amarelos jogados de cima e da coxia, a transformação da moça é uma dança em quatro movimentos: primeiro, na cadência lentíssima, ela samba, gira e diminui de tamanho (a atriz usa uma boneca, seu duplo em tamanho médio, animada por ela); depois, na cadência lenta do samba, a boneca dança, gira e fica menor ainda (a atriz dispensa a boneca e usa outra, seu duplo menor, animada por ela); em mais giros e passos na cadência mais rápida, ela vira o Tangará, pássaro com corpo preto, cabeça amarela e laranja, boneco aéreo; por último, no ritmo acelerado do samba, o pássaro canta, executa uma dança fabulosa no meio do redemoinho, sobrevoa o palco e sai voando. A música cresce no momento da dança e some no momento que o pássaro sai. Silêncio.

FRANCISCA: *(volta, nervosa)* Que barulho foi esse? E a Clara?

CORA: *(assustada)* Mãe, o redemoinho...

LUZ: *(chora)* O redemoinho saiu arrastando minha irmãzinha. *(chora mais)*

CORA *(atônita)* A Clara virou passarinho.

FRANCISCA: *(procura)* Passarinho? O que há de ser da Clara? *(abraça as filhas, maternal)* Contem com calma, minhas filhas. O que foi, hein?

CORA: *(pega as frutas no chão e mostra)* Olha as frutas roxas que a Clara comeu.

FRANCISCA: *(pega as frutas)* Comeu? Não conheço fruta roxa grande assim. Já disse que não se come o que não se sabe o que é. Não comeu mais nada, Luz?

LUZ: Não, mãe. Foi tudo assim. *(conta e gesticula)* Eu fui pegar fruta ali naquela árvore e deixei as duas aqui.

CORA: *(gesticula)* Ela jogava as frutas pra mim e eu dava pra Clarinha, que comeu uns pedaços e até disse que as frutas eram docinhas como jabuticaba e pitanga.

LUZ: Eu disse para não comer fruta que não conhece.

CORA: Eu também disse, mas ela comeu e diminuiu de tamanho uma vez, de repente.

LUZ: Depois diminuiu mais ainda...

CORA: E aí virou quase um inseto de tão pequeno...

LUZ: E depois virou passarinho, dançou e saiu voando.

CORA: Passarinho com o corpo preto e a cabeça amarela e laranja.

LUZ: É sim, mãe. O passarinho até dançou.

CORA: Nós vimos tudo e ficamos sem força para fazer nada.

LUZ: Ai, mãe, o que aconteceu com a nossa irmãzinha?

FRANCISCA: Tem certeza que foi só a fruta roxa que a Clara comeu?

CORA: Foi. Só mordeu as frutas roxas. Eu vi, mãe.

LUZ: Diminuiu de tamanho, virou passarinho e sumiu.

CORA: Como pode alguém comer uma fruta roxa, virar passarinho e voar assim de repente?

FRANCISCA: Mostra a árvore. *(Luz aponta e a mãe sai)*

LUZ: *(à mãe, alto)* Foi essa árvore aí, mãe.

FRANCISCA: *(volta com a fruta)* Comeu só essa fruta roxa mesmo?

CORA: Foi só essa fruta roxa.

LUZ: E mais nada.

FRANCISCA: É fruto de encantamento. Ai, meu Deus! *(suspira)* Já ensinei os segredos das ervas, cipós, flores e frutos que levam ao encontro dos espíritos da floresta. Não se come nada que não se conhece na mata. Pode ser remédio, curar doença, matar a fome, mas se é veneno... *(ouve-se o canto triste do tangará)* Que é isso? *(silêncio)*

CORA: É assombração? *(volta o canto triste do pássaro)*

LUZ: É passarinho.

FRANCISCA: Silêncio. *(o tangará entra, sobrevoa e para no fundo alto do palco)* É o tangará! É a minha filha que virou passarinho?

LUZ: *(afrita)* A Clara comeu a fruta...

CORA: E virou tangará.

FRANCISCA: *(ao pássaro)* Vem, minha filha, vem! É você, Clarinha? *(se olham; o pássaro canta triste, dança em evoluções em volta da mulher)* Olha pra mim. Vem aqui na minha mão, passarinho dançarino. *(o pássaro dança mais e sai voando; ela corre de um lado ao outro)* Volta, minha filha! Volta! *(cai de joelhos e chora; as filhas abraçam a mãe)*

CORA: *(alto, procurando a irmã)* Vem aqui na minha mão, vem Clarinha.

LUZ: Ela volta, mãezinha. Ela ficou tonta, pequenininha e aí... *(chora)*

CORA: Pra onde a Clara foi, mãe? *(chora)*

LUZ: Foi a fruta roxa encantada?

CORA: Ou foi o vento e o redemoinho? *(as duas choram)*

FRANCISCA: Não conheço todos os feitiços da terra. *(levanta e conforta as filhas)* Tem uma clareira ali adiante e lá é mais seguro para dormir.

LUZ: Andar mais?

CORA: Não é melhor ficar aqui, mãe?

FRANCISCA: Lá é seguro. Amanhã vemos o que fazer. Da clareira dá para ver se ela volta.

CORA: E a nossa irmãzinha?

LUZ: E se a Clarinha aparecer e não ver a gente?

CORA *(triste, distante)* E a Clara gostava de brincar de voar...

LUZ: *(murmura e chora)* Virou tangará a minha irmãzinha...

FRANCISCA: *(triste, para si)* Nunca mais esqueço o canto do passarinho dançarino. Não desgrudo mais os olhos das minhas filhas.

Começa o chorinho ANDANÇA. A mulher e as duas filhas, tristes e cansadas, pegam as cabaças, embornais e objetos e saem. As luzes fecham aos poucos. Um foco abre no tangará, que volta, dança magistralmente no meio, sobrevoa o palco, emite um canto triste e

some. Semiescuridão. O chorinho continua instrumental e faz a passagem para o próximo ato.

SEGUNDO ATO

Entram quatro Espectros e fazem a mudança de cenário, da clareira na mata para rios e uma cachoeira. No fundo alto, desce um grande pano brilhante e reluzente em tons de branco até o chão, como uma cachoeira. Os espectros movimentam dois rios com grandes panos em tons verdes, como se os rios caíssem da cachoeira e, vez ou outra, giram em roda e transformam os rios em redemoinhos e olhos d'água. As luzes abrem aos poucos e anunciam a manhã tropical na terra das águas. O chorinho continua até os espectros arrumarem o novo cenário, depois a música some diluindo-se com os sons das águas. Entram a mulher e as filhas, com cabaças e objetos, beirando os rios e a cachoeira. Cora carrega uma viola.

FRANCISCA: *(aliviada)* Pronto, as águas.

LUZ: *(animada)* Quero me banhar.

CORA: Vai entrar na água agora, Luz?

LUZ: Vou. Você não vem?

CORA: *(suspira, cansada)* Não, vou depois.

LUZ: Vou entrar agora, Cora. *(se prepara para entrar no rio; se detém)* Não entro num rio desde o dia... *(pausa)* Água me lembra o pai. Saudades do paizinho.

FRANCISCA: *(suspira)* Ai, as águas. *(murmura, distante, como numa prece)* Que as águas que te levaram, te tragam de volta, Santiago. Que o vento que te levou, te traga de novo, Clara. Faz um ano que a Clara sumiu e nem ouço mais o canto do tangará.

LUZ: *(desconversa, agitada)* Dá aquela semente cheirosa que vou me banhar na beirinha do rio, mãe. E as folhas de cheiro.

CORA: As águas te deixam mais formosa, Luz.

FRANCISCA: *(dá as sementes e folhas à filha; feliz)* Minhas filhas lindas.

O banho de Luz na beira do rio é uma brincadeira com as águas, em movimentos suaves. A mãe lava roupas, os espectros movimentam os rios e a cachoeira. Cora senta, pega a viola e começa a moda de viola OLHO D'ÁGUA. A viola ponteia com os sons das águas e as vozes das mulheres são suaves e cristalinas. A mãe canta os versos sozinha enquanto lava roupas e as filhas repetem os versos, como um coro de lavadeiras.

FRANCISCA: *(canta o refrão, sorrindo)*

Ô tralalá, ô trelelê!

Ô trelelê, ô tralalá!

Nas águas vou renascer,

Nas ondas eu vou brincar! *(bis; com as filhas)*

Na serra dos Olhos d'água,

Tem sol, chuva e trovão,

A lua é cheia de prosa,

Tangará dança essa canção. *(bis; refrão)*

Nas cordas da viola

Canto o amor, a felicidade.

A viola é cachoeira e chora

Na toada a minha saudade. *(bis; refrão)*

Na serra dos Olhos d'água,

Tem coco, pequi e pitanga.

Na terra das flores molhadas,

Eu canto toada, modinha e ciranda! *(bis; refrão)*

CORA: Ai, como é linda e cheirosa, Luz! *(para de tocar, ficam os sons das águas)*

LUZ: Estou leve, tão leve.

FRANCISCA: Água faz bem pra tudo. *(continua lavando roupas)*

CORA: Saudade da Clara, um aperto no peito. Não entendi como aquela fruta roxa...

FRANCISCA: *(interrompe)* Ô minhas filhas, deixem o passado pra lá. A vida é aqui, agora, já. É luta, é alegria, é amargura. *(baixinho, para si)* Sozinha com as filhas nas terras do sem fim desse mundão. O Santiago não aparece, nem a Clara e assim é. O que é para se viver é para se viver e o que não é pra ser, não é pra ser.

CORA: E aí não é para se viver, não é, mãe?

FRANCISCA: É, Corinha. *(muda de tom; sorri)* Como são lindas minhas filhas! Formosas como a cachoeira.

LUZ: (*distante*) Quem decide o que viver e o que ser somos nós?

CORA: Somos nós, não é, mãe?

FRANCISCA: Somos nós, mas tem hora que as coisas escapam das mãos e não temos controle. (*para de lavar roupas*) Duas coisas que não devia ter feito, deixar o homem lá sozinho com o monstro do rio... E deixar vocês na mata pra buscar água. (*volta a lavar roupas*)

LUZ: Não vai mais acontecer, mãezinha.

CORA: (*admirada*) A Luz fica tão bonita e cheirosa com as águas do rio.

FRANCISCA: Parece que nasceu nas águas e os seus olhos brilham.

LUZ: Senti uma saudade da Clarinha.

CORA: Ela gostava de falar de amor...

LUZ: Do coração da gente bater forte.

CORA: (*feliz*) Que vontade de cantar pra você, Luz, e pra Clara, que gostava de falar de amor... (*toca viola e canta a toada NA BEIRA DO RIO; a mãe lava roupas e Luz se banha*)

Nascida na beira do rio,
Tem quinze anos de viço
E um fogo que ninguém atiça,
Com o corpo e a alma no cio. (*bis*)
É tanta beleza que dá um arrepio.
Ai, ai, quanta lindeza! Dá um calafrio! (*bis*)

Bate forte o coração
Quando vê um sinhô-moço,
O corpo fica em alvoroço,
Olho faísca igual trovão. (*bis*)

Ai, ai, que embaraço! Ai, ai, que ilusão!
Amar é fácil? Não é fácil não! (*bis*)

(*Cora cessa a música depois do bis*)

FRANCISCA: (*abraça Cora, feliz*) Que coisa linda, Cora!

LUZ: (*ri, feliz*) Toca tão bem a viola, Corinha.

FRANCISCA: E a voz?

LUZ: Que poesia!

FRANCISCA: As palavras...

CORA: *(emocionada)* Inspiração com a beleza da Luz, a saudade da Clara e o amor por você, mãe... *(ouve-se um canto de pássaro e um bater de asas; elas ficam atentas)* É o tangará que ouviu a viola?

FRANCISCA: *(sonhadora)* Ai, se minha filha tangará ouvisse a viola e voltasse. *(canto de pássaro e batidas de asas mais próximas)*

LUZ: É passarinho.

CORA: É revoada de passarinho.

LUZ: Revoada de passarinho por causa de alguma coisa.

CORA: É Clarinha?

FRANCISCA: *(baixinho)* Se soubesse o que fazer para desfazer o encanto da filha Tangará.

Começa um vento forte e os espectros agitam os panos dos rios. As luzes abrem e fecham. Os sons do vento misturados aos sons da cachoeira e do rio são os primeiros acordes caóticos de TEMPESTADE, música “dodecafônica”, com efeitos, intervenções e sons de chuva, águas revoltas, trovões, raios, pedras rolando, bichos e ventania, feitos com os instrumentos de corda, sopro e percussão. A música é crescente e sincronizada com os movimentos das mulheres e dos espectros com os rios.

FRANCISCA: *(recolhe as coisas no chão, agitada)* Juntem as coisas e corram pra uma gruta!

CORA: *(ajuda a mãe)* Tempestade sem mais nem menos.

FRANCISCA: Sai logo da água, Luz. Olha os raios!

LUZ: *(se prepara para sair da água)* O vento é muito forte.

CORA: Vamos pra onde, mãe?

LUZ: Temos que sair já?

FRANCISCA: *(grita)* Agora!

CORA: A mãe falou agora, Luz!

FRANCISCA: Senão as pedras rolam da cachoeira.

A música cresce, o vento fica mais forte, os espectros transformam os rios em redemoinhos e olhos d'água e envolvem as mulheres. Os movimentos são circulares, com evoluções em caracol e compõem uma dança dramática de cerco das mulheres pelas águas, como a "Dança do peixe" e/ou "Jacundá", dança indígena amazônica, em que alguém é preso numa roda e tenta escapar. Ocorre a fusão entre a música experimental "dodecafônica" TEMPESTADE, os sons inconstantes e os cantos repetitivos dos espectros no tema JACUNDÁ. Os espectros cantam, cercam e capturam Luz no meio de um olho d'água.

ESPECTROS: *(em volta de Luz)*

Vou te pegar, jacundá,
No meio da roda, jacundá,
Pega, pega, jacundá,
Pra comer agora, jacundá,
Do fundo do rio, jacundá,
Não pode escapar, jacundá,
O peixinho, jacundá,
Bonitinho, jacundá,
Jacundá,
Na barra do rio, jacundá,
No riachão, jacundá,
Pega, pega, jacundá!

(a cantoria continua pulsante no diálogo e nas ações a seguir)

LUZ: *(sobe e desce no meio do olho d'água, apavorada)* Mãe! Alguém me dá a mão!

FRANCISCA: *(aflita)* Minha filha! Luz!

CORA: *(grita)* Cadê você? Luz!

LUZ: *(sobe e desce)* Mãe! *(some nas águas)*

CORA: Ali, mãe, no meio do olho d'água.

FRANCISCA: Luz!

CORA: *(ameaça entrar no olho d'água)* Luz! Vou buscar a Luz no olho d'água, mãe!

FRANCISCA: *(detém a filha)* Não, Cora, o olho d'água é muito forte e vai te engolir. *(apavorada)* Filha! Luz! *(os movimentos do olho d'água se intensificam)*

LUZ: *(aparecem suas mãos e a cabeça)* Mãe! A água me puxa! Mãe!

FRANCISCA: *(tenta esticar a mão para a filha; apavorada)* A mão!

LUZ: *(inaudível)* Me salva, mãe... *(some nas águas)*

A música continua e faz um acento musical dramático e misterioso no exato momento em que no meio do olho d'água aparece Luz transformada no Jacundá, uma mulher-peixe, feito pela atriz/Luz usando um "parangolé" com arranjo de cabeça de peixe. Como na "dança do peixe", no jogo da captura, o olho d'água aprisiona o Jacundá, gira em torno dele e o leva embora em movimentos circulares. A mulher chora, abraça Cora e as duas veem a moça transformada em peixe Jacundá ser levada pelo olho d'água.

FRANCISCA: *(abraçada à Cora)* Ai, minha filha Luz que o olho d'água levou.

CORA: *(chora)* Virou mulher-peixe e sumiu.

FRANCISCA: Devia ter pulado, mas o redemoinho do olho d'água era forte.

CORA: Nunca mais verei minha irmãzinha? *(chora mais)*

FRANCISCA: As águas furiosas levaram minha filha.

CORA: Que tempestade! *(levanta, decidida)* Vamos juntar as coisas e seguir rio abaixo, mãe. Quem sabe ainda não vemos a Luz?

FRANCISCA: Rio abaixo? *(distante, triste)* Uma filha virou o tangará, outra virou o peixe jacundá. *(abraça a filha)* Não saia mais de perto de mim, Cora. Só me resta você e preciso ter muito cuidado para não te perder, minha filha. *(arrumam as coisas e saem abraçadas)*

As luzes fecham aos poucos. A música continua e pontua as ações dos espectros, que em movimentos marcados entram, fazem a mudança de cenário, recolhem os panos dos rios e da cachoeira, transformam o palco num quintal com lençóis brancos em dois varais de bambu, caixotes, bacias, enxadas, ancinhos, vassouras, cestos e objetos espalhados, e depois saem. A música "dodecafônica" TEMPESTADE, que começou com um vento forte anunciando a tempestade, termina com a calmaria, fundindo-se com os sons distantes de uma viola. As luzes abrem no quintal no início da noite. Entram Francisca e Cora, que toca viola, vestidas com roupas de Folia de Reis, e cantam, ora juntas, ora sozinhas, a moda de viola DESTINO.

FRANCISCA E CORA (cantam juntas)

A roda do tempo gira, girou
E levou embora a amargura.
O que passou, passou,
A vida é presente e futura,
É o pão, o chão, a comida,
A luta com ternura.
Não é só tragédia a vida,

É mistério, ação e aventura.

FRANCISCA: Minha sina é uma saga?
Uma cisma, uma crença, uma ilusão?
Uma hora a vida me diz sim,
Outra hora me diz não.
São tantos caminhos andados,
Muitos calos nas mãos,
A sede, a fome, o perigo,
A luta pela terra e o pão.

(fala quase canto)

Das três filhas que eu tive,
Uma vive na água, a outra voou,
A outra vive comigo na terra,
Por ela tenho carinho e amor.
É linda como noite estrelada,
Vai comigo onde eu for,
Já perdi quase tudo que amava,
Não quero mais sentir essa dor.

CORA: O destino é um desatino?
A vida é aqui, agora, já.
Se o trovão ronca no céu,
É hora de se abrigar.
Se a lua enche a noite de prata,
Puxo a viola para cantar,
Se meu amor chegar agora?
Ai, ai, ai, minha sina é sonhar.

FRANCISCA: Nosso destino é uma sina,
O maior desejo é a felicidade,
A terra para plantar,
A canção que traz saudade.
O amor é palavra bendita
Que afasta toda maldade
E traz pra lida da vida
O respeito e a amizade.

(cantam juntas)

A roda do tempo gira, girou
E levou embora a amargura.
O que passou, passou,
A vida é presente e futura,
É o pão, o chão, a comida,

A luta com ternura.
Não é só tragédia a vida,
É mistério, ação e aventura.

(Cora para de tocar, encosta a viola num caixote, se abraçam e sentam)

FRANCISCA: Sua sina é a viola, Cora Linda.

CORA: *(feliz)* É a primeira Folia de Reis que vou tocar a viola, mãe. A senhora vai me ver tocar viola na Folia, não vai?

FRANCISCA: Não sei, Corinha. Agora que já temos a nossa casa na serra da Cartucha e o nosso quintal, quero cuidar e ajeitar as coisas. Tanto tempo sem teto que dá uma preguiça sair de casa.

CORA: *(abraça a mãe)* Ah, mãe...

FRANCISCA: Não sei, minha filha, tão bom ficar em casa... *(boceja)* Ai, que preguiça! Ando sozinha, saudosa, preguiçosa, chata para festa e amontoado de gente...

CORA: Só essa vez e pronto.

FRANCISCA: *(beija a filha)* Ah, Cora, só você para me tirar de casa. Tá bom, filha, eu vou te ver cantar e tocar viola na Folia.

CORA: *(beija a mãe)* Eh! Mãezinha... *(sonhadora)* Quando ouvi a viola no Fandango pela primeira vez eu falei que um dia ia aprender a tocar aquela coisa tão linda e a cantar. Já gostava de pandeiro, mas quando ouvi a viola meu coração disparou.

FRANCISCA: *(sorri)* Como está linda, filha. Que graça! Tem um brilho nos olhos, nos cabelos. Quanta formosura! Quando canta é uma alegria pro coração de quem ouve a sua voz e a sua viola.

CORA: É dia de festa e tem que estar bonita para tocar viola.

FRANCISCA: Dá gosto ver o seu amor pela viola.

CORA: Então, vamos pra Folia, mãe?

FRANCISCA: Vamos sim.

CORA: Agora entendi quando a Clarinha dizia de amor. É o que sinto pela viola. Ai, como eu gosto de cantar. Queria tanto que a Luz e a Clara brincassem na folia comigo. *(ouve-se um grito bestial; assustada)* Que é isso? *(deixa a viola num canto)*

FRANCISCA: *(protegendo-a)* Não é nada.

Começa LÍNGUA, maracatu, instrumental com repiques de caixas, surdos, bumbos, agogô e guitarra pesada, numa cadência lentíssima e pulsante. Aparece o ARRANCA-LÍNGUA, homem macacão gigante peludo de uns três metros e meio, feito por um ator com perna de pau. As luzes vermelhas e azuis piscam, abrem e fecham na figura, que anda devagar, carrega uma cabeça de vaca/boneco, da qual come os miolos e a língua, dá um grito medonho e fica parado numa imagem assustadora no fundo. A movimentação do monstro é na pulsação do maracatu, com passos, evoluções e cadências sincronizadas com as ações da mulher e da filha.

CORA: *(sussurra, com medo)* Que bichão medonho é aquele, mãe?

FRANCISCA: *É o Arranca-língua. (o bicho grita; ela pega a enxada e o encara)* Xô, monstro peludo! Pode gritar que não me assusta. Quer arrancar e comer a língua da minha filha?

CORA: *(assustada)* Arrancar e comer a minha língua?

FRANCISCA: *Sei o que faz com as crianças. Dessa vez ninguém leva minha filha. (o monstro grita outra vez e avança; ela recua e ameaça com a enxada)* Sai, bicho cabeludo! *(o monstro recua; ela avança)* Xô, macacão peludo! *(o monstro grita)* Vai embora, Arranca-língua, senão te mato com a enxada e arranco a sua língua! *(enxota o monstro com a enxada)* Xô, assombração! *(o bicho avança na direção dela, lento e assustador)*

CORA: *(chora)* Cuidado, mãe, o bicho peludo.

FRANCISCA: *(rodopia em volta do monstro e o confunde)* Sai, espírito de mau agouro. Ninguém mexe com minha filha. *(grita e avança; nervosa)* Já disse pra ir embora, Arranca-língua! Arranco sua língua! *(bate com a enxada no chão; o monstro grita; ela grita)* Ah! Pode gritar, não tenho medo! *(ameaça cortar as pernas do monstro com a enxada)* Vem que corto suas pernas. *(bate com a enxada no chão)* Quer ver? Então toma! Acerto seu umbigo!

O bicho se assusta e sua saída é uma coreografia no ritmo do maracatu, em que o monstro sai devagar com a mulher atrás o enxotando com a enxada. Em tempos marcados, o monstro vira-se assustador e grita, a mulher também grita, o ameaça com a enxada e ele sai, resmungando. Toda vez que a música faz uma parada, os dois param num gesto, congelam numa imagem, um quadro da mulher e do monstro por alguns segundos. A música cessa com a saída do monstro.

CORA: Xô, Arranca-língua!

FRANCISCA: *(volta, aliviada)* Pronto, Cora, o Arranca-língua já foi. *(abraça a filha)*

CORA: Que medo! O Arranca-língua comeu os miolos e a língua de uma vaca. *(chora)*

FRANCISCA: *(consola)* O gigante peludão ataca os rebanhos e come a língua das vacas.

CORA: Só a língua das vacas?

FRANCISCA: Não tem como escapar do gigante à noite quando ele sente fome. Tem as pegadas grandes.

CORA: Ninguém escapa?

FRANCISCA: Se o Arranca-língua sente fome e não tiver língua de gado, vaca, boi, bezerro, até cabrito, porco, paca ou coelho pra comer, serve língua de gente mesmo.

CORA: (*admirada*) Língua de gente?

FRANCISCA: Homem, mulher, velho, novo, gordo, magro, alto, baixo, tudo é presa do gigante peludão para saciar a sua fome.

CORA: Até as crianças?

FRANCISCA: Pequenas, grandes, com cabelo liso, cacheado, de todo jeito. (*exaltada*) Mas a língua da minha menina Cora que canta tão bem não. Ah, isso não!

CORA: (*chora*) O gigante cabeludo arranca a língua das crianças pra comer, mãe? Como arranca? Com a mão? A boca? Que acontece com as crianças sem língua?

FRANCISCA: Arranca pra comer, com a mão, os dentes.

CORA: As crianças nunca mais falam?

FRANCISCA: Nunca mais falam nem cantam.

CORA: Só grunhem e roncam igual bicho?

FRANCISCA: É, ficam mudas.

CORA: Sem língua, como sentem o gosto das comidas?

FRANCISCA: Não devem sentir do mesmo jeito.

CORA: (*agitada*) Vi o gigante comendo a língua e os miolos e o sangue escorrendo pela boca.

FRANCISCA: Calma, Corinha, eu estou aqui.

CORA: Ai, mãe, que agonia.

FRANCISCA: O Arranca-língua não é tão perigoso. É só gritar e enxotar que ele se assusta.

CORA: Minhas pernas tremem, meu coração dispara.

FRANCISCA: Não precisa ter medo.

CORA: Se arrancasse a minha língua nunca mais ia cantar.

FRANCISCA: O Arranca-Língua não é dos piores.

CORA: *(pega a viola; suspira, aliviada)* Ai, mãezinha, são tantos medos, muitos caminhos andados nas terras do sem fim desse mundão. *(toca a viola e cantarola sozinha)*

O destino é um desatino?

A vida é aqui, agora, já.

Se o trovão ronca no céu,

É hora de se abrigar.

Se a lua enche a noite de prata,

Puxo a viola para cantar.

Se o meu amor chegar agora?

Ai, ai, ai, minha sina é sonhar.

FRANCISCA: *(canta sozinha)*

Das três filhas que eu tive,

Uma vive na água, a outra voou,

Uma vive comigo na terra,

Por ela tenho carinho e amor.

É linda como noite estrelada,

Vai comigo onde eu for,

Perdi quase tudo que amava,

Não quero mais sentir essa dor.

CORA: *(canta com a mãe)*

A roda do tempo girou

E levou embora a amargura.

O que passou, passou,

A vida é presente e futura...

Ouve-se um ronco de fera feito com um tambor-onça e as duas param de cantar. Aparece no lençol a sombra da ONÇA CABOCLA gigante, feita por um ator usando um “parangolé” com arranjo de cabeça de onça rajada ou pintada. Cora põe a viola num canto e se junta à mãe.

FRANCISCA: É a Onça Cabocla. *(ameaça com a enxada)* O que a onça quer? Se tiver fome, dou o que tenho, mas não ataca a gente que eu te pego com a enxada.

ONÇA CABOCLA: *(a voz parece um ronco)* Não vou atacar.

FRANCISCA: *(ameaça com a enxada)* Sai pra lá, onça!

ONÇA: Calma, mulher brava!

FRANCISCA: Calma você, Onça Cabocla!

ONÇA: (*deslumbrada*) Que beleza a sua filha! Toca bem a viola. De longe ouvi a cantoria e vim ver quem tocava viola e cantava tão bem.

FRANCISCA: Minha filha não! Se estiver com fome, vai caçar preá, jacaré ou quati.

ONÇA: Já comi um jacaré inteiro hoje. Comecei pela cauda de manhã e acabei de comer a cabeça do jacaré agora à tardinha. (*suspira*) Ai, ai, que delícia!

CORA: (*com medo*) Comeu um jacaré inteiro?

FRANCISCA: Um jacaré? (*ameaça com a enxada*) Se veio pra comer a sobremesa dou com a enxada no meio da sua testa.

ONÇA: (*amistosa*) Qual o segredo pra sua filha ficar tão linda? É a criatura mais bela dos quatro cantos do mundo e olha que conheço bem esse mundão sem fim.

FRANCISCA: Mais bela dos quatro cantos do mundo?

A mais formosa.

FRANCISCA: Sei que ela é linda.

ONÇA: Eu queria ser tão bela e cantar assim.

FRANCISCA: Queria?

ONÇA: Eu faço o que quiser se me ajudar a ficar bonita e cantar igual a sua filha.

FRANCISCA: O que eu quiser?

ONÇA: O que quiser.

FRANCISCA: Pra ela ser tão bonita assim uso pedra e fogo e nada mais.

ONÇA: Pedra e fogo?

FRANCISCA: Isso mesmo, só pedra e fogo e se quiser faço o mesmo contigo.

ONÇA: Não vai queimar meus pelos?

FRANCISCA: Queima não, só esquentar e esticar a pele. Um pouquinho só e deixa a pele viçosa que é uma beleza. Preciso de pedras e gravetos para fazer o fogo.

ONÇA: Quero ficar tão bela assim. Tem dias que me transformo na velha tapuia, velha tão feia que dói os olhos só de ver a criatura que assusta todo mundo. Se ficar bonita como onça também serei bonita quando virar gente, moça tapuia. Pedra e fogo... E o fogo?

FRANCISCA: *(irritada)* O fogo é para corar a pele. Tanta pergunta. Quer ou não quer?

ONÇA: E o que você quer em troca?

FRANCISCA: Depois que a onça ficar bonita eu digo o que quero.

ONÇA: Pedra e fogo. *(murmura para si)* A onça caboclinha se arrisca tanto assim pra ficar bonita? A mulher brava quer o que comigo? *(hesitante)* Não. Sim. A beleza... *(decidida)* A caboclinha quer ficar bonita sim. Está feito. Pode começar.

FRANCISCA: Calma que eu tenho que juntar pedra e graveto.

ONÇA: Eu espero. *(animada, baixinho, para si)* Faço tudo pra ser tão bela como a moça da viola. A onça caboclinha vai ser a fera mais linda da mata.

A mulher e a filha pegam pedras e gravetos e fazem no meio do quintal uma vala com pedras, com uma fogueira "cenográfica", feita com efeitos de luzes vermelhas e amarelas projetadas em panos vermelhos e amarelos brilhantes e papéis transparentes. Começa o xote FOGO, instrumental, as falas e ações da mulher e da onça são na vibração do xote.

FRANCISCA: Pronto, já está feito. É só andar em volta da fogueira e deitar nas pedras.

ONÇA: É assim mesmo?

FRANCISCA: Não quer ficar bonita?

ONÇA: Quero.

FRANCISCA: Tem que andar na beira da fogueira, depois é só deitar nas pedras.

ONÇA: Vou ficar mesmo bonita se deitar nas pedras?

FRANCISCA: *(impaciente)* Já disse que vai. O camaleão também não deita nas pedras? Vai ou não vai andar e deitar?

ONÇA: Se é assim.

FRANCISCA: É andar três vezes em volta da fogueira...

ONÇA: E depois deitar nas pedras e ficar bonita na hora?

FRANCISCA: Na horinha.

ONÇA: *(animada)* Não vejo a hora de ficar linda. A onça mais linda de todas as feras da mata. *(sai detrás do lençol, anda pelo quintal e em volta da vala, tateia as pedras)*

FRANCISCA: *(grita e bate com a enxada no chão)* Toma, Onça Cabocla esperta!

ONÇA: *(escorrega e quase cai na fogueira; furiosa)* Quer me jogar no fogo?

FRANCISCA: *(desafia)* Pensa que vai levar minha filha, Onça Cabocla?

ONÇA: Quer cozinhar a minha carne no fogo, mulher?

FRANCISCA: Sai pra lá, Onça Cabocla!

ONÇA: *(resmungando)* Os homens e mulheres não sabem lidar com as onças.

FRANCISCA: Conheço suas espertezas e sei que gosta de comer o fígado e beber o sangue das suas presas.

ONÇA: Só quero saber como faz pra sua filha ser tão linda e cantar tão bem.

CORA: Não tem como onça ficar bonita igual gente. Onça Cabocla nasce, vive e morre onça e pronto. A Onça Cabocla já é uma onça bonita.

ONÇA: Faço o que quiser pela sua beleza. Não quero mais ser uma velha tapuia...

FRANCISCA: Chega de conversa. *(a mulher pega dois galhos e ameaça imobilizar a onça pelo pescoço, com a ajuda de Cora; a onça recua, ronca forte e as duas se afastam; grita)* Xô, Onça Cabocla!

CORA: *(com medo)* Ai, mãe, que medo!

FRANCISCA: Não tenha medo, Cora.

CORA: O rugido dela assusta.

FRANCISCA: *(baixinho)* Se a onça pensa que vai pegar a única filha que me resta.

CORA: Não me pega não. E agora, mãe?

FRANCISCA: *(baixinho)* Agora é prender e colocar o bicho na fogueira e cozinhar. Com essa história de querer ficar bonita a Onça Cabocla não me engana.

CORA: Ela quer mesmo comer a gente?

FRANCISCA: Isso eu não sei, mas ela é esperta e matreira e sempre quer fazer alguma coisa.

ONÇA: *(ronca, furiosa)* Fazer nada, mulher.

FRANCISCA: Nada?

ONÇA: Já comi um jacaré e não estou com fome.

FRANCISCA: *(levanta a enxada e bate no chão)* Xô, Onça Cabocla!

ONÇA: *(resmungando e ronca, feroz)* Só queria saber o segredo da beleza...

FRANCISCA: *(interrompe, nervosa)* Sai, Onça Cabocla! *(a fera sai e ronca forte na coxa; o xote cessa)* Pronto, já foi. Que história de querer ficar bonita.

CORA: Ela come o fígado e bebe o sangue das pessoas?

FRANCISCA: Come o fígado e bebe o sangue de lambar os beiços até a última gota.

CORA: Onça esperta.

FRANCISCA: Esperta demais e traiçoeira. *(silêncio)*

CORA: *(suspira, aliviada)* A viola é um conforto pro medo que senti agora. E olha que já passei tantos medos na vida, mãe, sempre com a senhora. *(sentam em dois caixotes)*

Cora pega a viola e toca a moda de viola CRUZEIRO DO SUL, acompanhada pelos músicos com viola, flauta e percussão. As luzes abrem nas mulheres e fecham no resto do palco. Do fundo alto, desce um pano azul escuro, o céu, com as cinco estrelas do Cruzeiro do Sul, astros, constelações e estrelas desenhadas e pintadas com tintas luminosas e materiais reflexivos e reluzentes, de modo que os desenhos brilhem na escuridão e na semiescuridão. No céu de estrelas, onde estão três das cinco estrelas do Cruzeiro do Sul, são projetadas as sombras/silhuetas, bonecos de sombra, de Santiago, na estrela do meio, a "intrometida", o pássaro Tangará, na estrela do alto, e o peixe Jacundá, na estrela de baixo. As luzes realçam os brilhos e destacam as cinco estrelas do Cruzeiro do Sul e as silhuetas dos três personagens.

CORA: *(fala na pulsação da viola; fala quase canto)* Mais um medo sentido.

FRANCISCA: Mais uma fruta caída.

CORA: Mais um grito, um gemido.

FRANCISCA: Mais um sopro de vida.

CORA: Mais um dia de perigo.

FRANCISCA: Muitas pedras rolaram.

CORA: Mais um dia vivido.

FRANCISCA: Muitas luas se passaram.

CORA: Muitos bichos morreram.

FRANCISCA: Muitas flores brotaram.

CORA: Muitos frutos nasceram.

FRANCISCA: São tantas andanças nas terras do sem fim desse mundão...

CORA: Nas cordas da viola eu canto ao tempo a minha canção.

FRANCISCA: Os espíritos da floresta contam que Santiago e as minhas filhas Luz e Clara viraram três estrelas do Cruzeiro do Sul.

CORA: A mãe e eu somos as outras duas estrelas a brilhar.

FRANCISCA: Se não vivemos juntos aqui na terra...

CORA: Lá no céu nós cinco vamos morar.

FRANCISCA: No Cruzeiro do Sul. *(canta sozinha)*

Na última curva do rio,
Ipupiara trouxe a Santiago a sorte má.
Por um feitiço da terra,
Clara é passarinho tangará.
Na serra dos Olhos d'água,
Luz é peixe Jacundá. *(bis)*

CORA: Na nossa vida é tudo assim assim, sem tirar nem por...

FRANCISCA: Talqualmente a vida é e ninguém contou. *(canta com a filha)*

As cinco estrelas do Cruzeiro do Sul
Brilham no azul do céu,
Vou mandar um balãozinho
Com um coraçãozinho de papel. *(bis)*

Chover, correr,
Ventar, cantar!
Nos braços de mamãe

Vou me acalantar. *(bis)*

Nem que ande o que andar,
Nem que vente o que ventar,
No coração de papai
Eu vou morar. *(bis)*

Salve a terra, as águas e o sol!
Sigo o arco-íris, vou riscar o chão.
Lá no Cruzeiro do Sul,
Sou estrela na constelação. *(bis)*

As luzes realçam as figuras de Santiago, do Tangará e do Jacundá como estrelas do Cruzeiro do Sul. Depois do último bis, Francisca e Cora mudam, de forma lentíssima, sincronizada e destacada pelas luzes, suas expressões faciais, que passam da máscara neutra para a máscara trágica e, por último, para a máscara cômica. Elas fixam uma imagem final, como numa fotografia, com expressões cômicas distintas, com o céu e o Cruzeiro do Sul no fundo. A música cessa à medida que as luzes fecham lentamente nos rostos de Francisca e Cora. Silêncio. Escuridão.

FIM

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contatos:

CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Luiz Carlos Laranjeiras (Luís Carlos Ribeiro dos Santos)
48 99854 8558 / 11 952 18 7346 / 61 99804 3868
luizclaranjeiras@gmail.com
lcsantosreis@hotmail.com

Thiago Arruda "Mairum" Ribeiro dos Santos (filho do autor)
48 99673 1772 / 48 99125 0134
thiagomairum@hotmail.com
thiagomairum@yahoo.com.br